

Título:	ABORDAGEM MULTIMODAL NA SÍNDROME DE PANDORA: RELATO DE CASO		
Autores:	Autor 1 Ana Carolina Müller Autor 2 Eduardo Antonio Giongo Autor 3 Luíza de Brites Keller Autor 4 Marina Naiara Mallmann Autor 5 Emanuelle Degregori Bortolotto		
Área	<input type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input checked="" type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
<p>Resumo:</p> <p>A Síndrome de Pandora é uma condição multifatorial que acomete gatos domésticos, caracterizada por sinais recorrentes do trato urinário inferior associados a alterações em sistemas neurológico, endócrino e imunológico. O estresse crônico, frequentemente causado por manejo inadequado do ambiente domiciliar, como ausência de enriquecimento ambiental, convivência conflituosa e mudanças bruscas na rotina, é um fator determinante no desencadeamento e perpetuação da síndrome, comprometendo significativamente a qualidade de vida. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de uma felina atendida no Hospital Veterinário da Universidade de Santa Cruz do Sul que foi diagnosticada com Síndrome de Pandora. Uma gata, sem raça definida, com sete anos de idade, acesso livre à rua, apresentava sinais de hematúria, apatia e hiporexia, iniciadas após troca abrupta da ração seca. No exame físico, os parâmetros vitais estavam dentro da normalidade para a espécie e ausência de dor à palpação abdominal. Os exames laboratoriais evidenciaram eritrocitose, hiperalbuminemia e elevação nos níveis de ureia, bem como alterações morfológicas no leucograma, sugerindo quadro inflamatório e desidratação. Testes para FIV e FeLV apresentaram resultados não reagentes. Foi instituído manejo multimodal, com recomendações ambientais, incluindo estímulos à ingestão hídrica por meio de potes adequados e fonte de água, introdução de dieta úmida e caixas de areia dispostas em locais estratégicos. O tratamento medicamentoso incluiu fluoxetina (0,7 mg/Kg, uma vez ao dia, uso contínuo) para controle do estresse; meloxicam (0,05 mg/Kg, uma vez ao dia, por cinco dias) para redução da inflamação e analgesia com dipirona (1gt/Kg). A ultrassonografia evidenciou espessamento da parede da bexiga e sedimentos intraluminais, sugerindo quadro de cistite. A paciente foi internada para fluidoterapia (Ringer Lactato, 10mL/h) e suporte medicamentoso, com melhora clínica significativa e redução dos sintomas após alta. O caso destaca a importância do manejo integrado, envolvendo o controle ambiental somado a terapia farmacológica para a resolução do quadro. A troca abrupta na alimentação evidenciou o impacto do estresse nutricional, reforçando a necessidade de adaptações graduais na dieta. O uso da fluoxetina, atuando na</p>			



modulação neuroendócrina, aliado ao anti-inflamatório e analgésico, favoreceu a estabilidade clínica e a prevenção de recidivas. Ainda que a internação tenha possibilitado o monitoramento da paciente, essa medida deve ser cuidadosamente avaliada, a fim de evitar estresse adicional, privilegiando o tratamento domiciliar sempre que possível. As estratégias de enriquecimento ambiental e a manutenção de uma rotina previsível, são essenciais para a melhora do bem-estar do felino e o controle dos episódios da síndrome. Assim, este relato reforça que a abordagem multimodal, centrada no manejo do estresse, nas mudanças ambientais e no suporte nutricional e medicamentoso, é fundamental para o sucesso terapêutico e qualidade de vida dos pacientes com Síndrome de Pandora.

Link do Vídeo: <https://drive.google.com/file/d/1PjjbESnWiAE0KhZSEozGSZmFPreb-7fu/view?usp=sharing>